

O conto dos chineses

José Cardoso Pires

Na arrecadação das obras havia um telheiro e no telheiro um homem sentado à sombra, a comer. Esse homem, embora trabalhasse há muitos anos na cidade e a tivesse ajudado a construir, era no fundo um camponês. Tinha a pele escura dos cavadores de sol a sol e, como veremos, a voz demorada de quem foi criado longe de máquinas e confusões.

Estava ele sentado a mastigar, e a uma boa distância do barracão as filhas saltavam à corda. Eram duas, a mais velha e a mais nova. Assim como o homem vestia de lavado, gravata e relógio com fita de nastro, assim as crianças brincavam muito compostas, laço no cabelo, meias esticadas, porque era domingo e, além de domingo, festa de São João.

O homem via-as? Naquele momento não. Naquele momento estava só voltado para o horizonte da cidade, prédios ao alto, janelas no céu, e lá algures andava o pessoal da obra, era mais que certo: serventes, estucadores e mestres-carpinteiros, todos de taberna em taberna atrás dum pedreiro de concertina e flor na orelha. Mais que certo, pelo menos era o que acontecia todos os anos naquele dia. E ele, que era o guarda da obra, acompanhava-os em pensamento. Às vezes baixava os olhos para os dois queijos que tinha aos pés, num pedaço de jornal, mas logo a seguir via a fogueira quase morta, via a panela, a estrada, e ia por ali fora, entre quintas e poeira, e só descansava a vista na cidade, lá longe. Isto sem deixar de mastigar.

Comia lentamente, sem gosto, apenas para sustentar o corpo, e também nisso se parecia com os camponeses, que se alimentam, não comem. Um cavador mastigando em pleno descampado comeria decerto assim – com aquela mesma solidão; talhando à navalha na palma da mão, poupando o conduto, bebendo pela garrafa em goladas pensativas.

Ora aconteceu que, a meio da merenda, o guarda das obras avistou no horizonte duas sombras a caminharem em direção ao telheiro. Deixou de prestar atenção à cidade, lá longe, e ficou-se a seguir a marcha dos dois estranhos. Vinham-se aproximando, aproximando, aproximando, a ponto de se perceber que, coitados, arrastavam pesadas cargas com eles: malas. Daí a pouco já se lhes distinguiam as feições, e o homem no telheiro pasmou: chineses – dois chineses brilhando ao sol.

Compreendeu então que se tratava de feirantes, destes que vendem carteirinhas lavradas e coisas de enfeitar raparigas. Antigamente havia-os por todo o lado mas hoje é curioso que se encontram muito raramente e cada dia menos. Foram para a terra deles, para a China, resolveu o guarda. Segundo consta já não existe por lá a muralha dos mandarins de ouro de que tanto se falava.

Enfim, fosse como fosse, aqueles também eram chineses e andavam por cá. Traziam os chapéus na mão e enxugavam constantemente a testa com um lenço. Porquê, por causa do calor? E como é que duas criaturas assim sugadas, duas almas sem pinga de gordura, não é verdade?, como podem eles, chineses, ter suor para deitar cá para fora? Impossível, não se compreende.

Mas eram assim, suavam. Passaram pelo telheiro, de orelha baixa e a assoprar com tanto calor, passaram e nem bom dia nem boa tarde. Mas dez passos adiante, se tanto, vai um deles, segura o outro pelo braço e desata a falar numa linguagem que ninguém entendia: chinês. Pegaram-se em discussão,

discussão mansa, conversa. Um tinha focinho de rato e dizia uma coisa, o outro tinha dentes de ouro e dizia outra.

Vendo um espetáculo daqueles, as crianças largaram a brincadeira e correram a pôr-se atrás deles, muito juntas. Riam à socapa, encolhiam-se, mordiam os dedos, perdidas de riso. E os chineses na conversa, sem darem por elas.

No telheiro, o guarda das obras ia cortando pedacinhos de queijo que levava à boca na folha da navalha, mas não perdia um som, um gesto deles. A dada altura um dos chineses tomou uma decisão. Na companhia do amigo entrou no telheiro e depois de ter desejado boa tarde ao homem que comia à maneira dos camponeses perguntou-lhe por qualquer taberna ou casa de pasto ali próxima.

«Não há perto? Não há?»

Aqui as filhas do guarda não puderam mais, romperam numa tal risota que tiveram de fugir para trás dum monte de falheiros.

«Meninas,» murmurou o visitante dos dentes de ouro; e abria um sorriso de moeda antiga. «As meninas.»

Claro que não dizia meninas como nós; dizia manine. Também não tinha dito, ao chegar, boa tarde; tinha dito bôla tarda. E assim por diante.

«Menina bonita,» repetiu voltando-se para o sítio onde as crianças estavam escondidas.

O guarda das obras ofereceu-lhes então da sua merenda e, com respeito a tabernas ou casas de pasto, explicou que por ali não havia nada, mas o que se pode dizer nada, a não ser, bem entendido, tijolos e poeira.

«E pão?,» perguntou, também a sorrir, o do focinho de rato. «Pode dispensar meio pão?»

«Arranja-se,» respondeu o guarda.

Pousou a navalha no jornal, ao lado do queijo, e foi à barraca dos mantimentos.

«Oh,» disse o Sorriso Dourado, vendo-o voltar com um pão de quilo. «Basta metade. Não vende metade?»

O guarda lembrou-se de que os chineses não são muito amigos de pão. De arroz, arroz sim, e com dois pauzinhos. Pelo menos é o que se ouve dizer deles.

«Sentem-se,» disse. «Puxem essa tábua e metam-lhe dois tijolos por baixo.»

«Muito obrigado.»

«Sem cerimónia. Aqui ao menos há sombra.»

O do focinho de rato abriu um saquinho de moedas para pagar o pão e o companheiro tirou um cartucho de figos secos. Foi a vez de perguntarem ao homem se era servido.

«Bom proveito. Se quiserem vinho, façam favor.»

Os visitantes recusaram a oferta com muitos agradecimentos e lançaram-se à comida. Vendo aqueles dois seres à volta de meio pão e de uma mancheia de figos, o guarda dizia lá com os seus botões: Não há dúvida, andam a juntar para a viagem. Isto por aqui já deu o que tinha a dar.

Muito calados, os chineses comiam com uma velocidade danada. Toupeiras, ratos, bichos miúdos, era o que eles lembravam a mastigar. Mas só as bocas mexiam; de resto estavam muito compostos, silenciosos, contemplando ora o chão onde assentavam os sapatos de lona, ora as pequeninas mãos com que agarravam o pão e que tremiam, tremiam. Era da idade, com toda a certeza; tremuras assim são próprias de quem já conta um

bom par de anos e não devemos esquecer de que a idade dos chineses engana muito. Aquela cara lisa, a barba que a bem dizer nem é barba é cabelo fraquito, verdadeira lã de rato, é que os faziam parecer mais novos ou melhor: sem idade.

É isso, pensou o guarda das obras, estes chineses que ali estavam eram os últimos que ficaram por cá. Queriam voltar para a pátria lá deles, estava-se mesmo a ver, e não faziam senão bem porque pior do que aqui não seria possível, e a prova é que os outros tinham abalado todos. Estes é que já não eram crianças nenhuma e, coitados, ficaram para trás. O homem do telheiro perguntava a si mesmo há quanto tempo não andariam eles a juntar dinheiro para voltarem à terra.

«Comem um prato de caldo, não comem?»

«Obrigado,» disseram os visitantes, «muito obrigado.»

«Comem,» decidiu o guarda. «Um caldo até aos doentes faz bem.» Antes que lhe dessem resposta, pôs-se logo a espevitar a fogueira. Soprou forte, agachado diante do borrarho, e agachado ficou todo o tempo em que a panela do caldo esteve ao lume a aquecer.

Cismava. Tinha tirado um palito detrás da orelha, revolvia-o nos dentes, preocupado com os chineses, com o muito trabalho que deviam ter em amealhar para tão longa jornada e, por último, imaginando a imensa muralha de mandarins, hoje destruída por guerras de milhares de anos. Viu ainda dragões, cobras de fogo, num céu reluzente de cetim como nas colchas dos ciganos de feira, mas torceu o nariz: dragões desses, se alguma vez existiram, já tinham sido varridos da face da China com certeza. E mandarins?, perguntava, sempre era verdade que havia mandarins com as tais unhas compridas que se viam nas gravuras?

Os chineses também pensavam. Com as mãos cruzadas diante das panças miúdas, olhavam uma a uma as malas do seu comércio, os cintos e as carteiras de cabedal penduradas numa viga de ferro. Isso queria dizer que, sentados na tábua, tão sérios e fitando tudo daquele modo, deitavam contas à vida.

Quando o guarda das obras achou que o caldo já estaria capaz de se comer foi buscar ao barracão pratos e colheres de folha e serviu os visitantes.

«Ih,» fez o Sorriso Dourado. «Muito caldo, patrão.»

«Qual muito nem meio muito,» disse o guarda.

E o Focinho de Rato: «Bom. Caldo bom, mas muito caldo.»

«Cheguem-lhe, é comê-lo enquanto está quente. Vossemecês ainda vão para muito longe?»

«Linda-a-Pastora, patrão.»

«Diabo,» disse o guarda. «Daqui a Linda-a-Pastora é um pedaço.»

Focinho de Rato sorriu.

«Há festa lá, patrãozinho. Há baile, há barraquinha toda a noite.»

«Em Linda-a-Pastora? É possível, não digo que não. No dia de hoje há festa em toda a parte.» O guarda pôs os olhos na folha de jornal com os dois queijos: «Em toda a parte, digo bem.»

E com isto calou-se. Só voltou a falar depois de os visitantes acabarem a refeição e dessa vez para lhes dar a provar do queijo que estava em cima do jornal.

«É cabreiro, é de confiança.»

Como nem um nem outro aceitassem, o guarda das obras quis saber se seria por não gostarem de facto de queijo ou por desconhecerem tal espécie. Podia dar-se o caso de na China não se fazer queijo de cabra, era uma razão.

«Faz, patrão. Faz de tudo. Queijo de cabra, queijo de vaca, queijo de toda a qualidade.»

«Também me parecia. Mais a mais o cabreiro que é fácil de fazer. Basta que haja cabras e pasto. O resto é fácil.» E dito isto, o guarda sorriu: «Já se vê, cabras há por toda a parte. Onde houver gado de saias há de haver cabras por força.»

Os chineses a princípio não compreenderam muito bem o que o guarda queria dizer mas passado um instante descobriram: falava das cabras-mulheres e não das cabras-cabras propriamente ditas. Então riram a bom rir.

«Mesma coisa que aqui, patrão. Mesma coisa, mesma coisa.»

«A mesma coisa não será bem. Sempre há de haver as suas diferenças.» O guarda tinha-se posto muito sério. «Pelo menos em questão de comida tenho ouvido dizer que é diferente.»

«Comida?»

«Sim, parece que vossemecês comem ratos.»

«Oh,» disse o Focinho de Rato.

E o outro, Boca Dourada:

«Nossa gente come tudo. Come arroz, come pão, come peixe, come carne...»

«Ratos», cortou muito pronto o homem do telheiro. «Ele sempre é verdade que na China se comem ratos?»

«Oh!»

«E baratas assadas? E andorinhas?»

«Oh!»

«O quê, não comem andorinhas? Pois garantiram-me que sim.»

«Nossa gente, patrão, come passarinho como o português. Patrão não gosta de passarinho?»

«Homem, nem se pergunta. Fritos em banha e com um copo para amortecer, não há petisco que se compare.»

O guarda sorria por dentro, com lume no olho. Estava a ver passarinhos a pingar no pão aos balcões das esplanadas de cana, fora de portas.

«Olhem, faz agora um ano comi eu lá na terra uma dúzia de pardais como há muito não tinha memória. É verdade. As mulheres a tirá-los da frigideira e mais adiante uma rede a caçar neles.»

Sabia muito de pássaros e principalmente de maneiras de os apanhar. Ali, na presença de dois chineses, explicou manhas, ensinou armadilhas e tudo quanto tinha aprendido sobre os pousios das aves e sobre as diversas formas de os comer regados a vinho fresco. Terminada a lição, os chineses levantaram-se:

«São horas.»

Pegaram então nas malas, abriram-nas em cima da tábua e, com uma troca de olhares, cada qual tirou um lápis pequenino que veio entregar ao homem do telheiro.

«Para as meninas. Para a escola delas.»

«Bom, nesse caso, muito agradecido.»

Um dos visitantes, Focinho de Rato, apontou qualquer coisa numa agenda. O companheiro leu, concordou, e o guarda, mordido pela curiosidade, estendeu o pescoço.

«Contas,» desculpou-se Focinho de Rato notando o interesse do homem pelo que estava no papel. Mostrou-lhe os gatafunhos:

«Lápis, dois lápis...»

O homem caiu das nuvens. Nunca lhe passara pela cabeça que se pudesse escrever tanto em tão poucos riscos.

«E o resto?», perguntou. «Que diz o resto?»

«Diz figo... Assim: figo, *cinco escudos*... Aqui está *pão*. Aqui *onça de tabaco*...»

Percebo, pensou o guarda. São as contas deles para a tal viagem.

«E por exemplo, *pássaro*? Como escrevem vossemecês a palavra *pássaro*?»

«Papel,» pediu o Focinho de Rato. «Acabou-se o papel.»

O homem do telheiro não perdeu tempo, deu-lhe o caderno do registo das ferramentas.

«Assim. *Pássaro* escreve-se assim.»

A cada pergunta os visitantes sorriam. Lá adiante, na estrada, as pequenitas observavam, muito intrigadas, os três homens debaixo do telheiro entretidos com as letras chinesas.

«E *vinho*?»

«Vinho é assim. *Vinho*.»

Sorriso Dourado tirou então o lápis ao amigo e escreveu também os seus riscos.

«Que é?», perguntou o guarda.

Os chineses sorriram ainda mais.

«*Boa festa*,» disseram. «*Dia Feliz*.»

«Ah,» fez o guarda.

Pegou no caderno, mirou-o de todas as maneiras. E já os outros estavam de mala ao ombro para partir, ele continuava com os olhos naquilo, encadeado com as letras.

«Boa tarde,» despediram-se os chineses, um de cada vez. E o guarda das obras disse-lhes igualmente boa tarde, mas sem largar o caderno.

Lá os viu seguir muito dobrados com o peso das malas, muito pequenos. Ao passarem pelas crianças quiseram fazer-lhes uma festa mas elas fugiram-lhes com a cara.

«China,» gritou a mais velha, quando os dois já iam longe.

Virou-se para a irmã e riram ambas da partida. Depois deram as mãos e afastaram-se aos saltinhos compassados, cantarolando:

«Oh, oh, o maluco do chinês... oh, oh, o maluco do chinês...»

O pai não as ouvia. Sentado diante da garrafa e dos dois queijos cabreiros, estudava e tornava a estudar o caderno dos traços chineses. Lembravam-lhe a maneira como ele próprio, que não sabia escrever, apontava as suas coisas: um risco para cada saco de cimento, tantos quadrados para tantos milheiros de tijolo, uma cruz para as cargas de areia – e assim por diante.

«Como nós,» ia dizendo o guarda, «tal e qual como nós. No comer e em tudo.»

À sesta, deitado no fundo do telheiro, recordava ainda os chineses que o tinham visitado e, sem saber porquê, via-os cobertos de um brilho de ouro, vestidos com cabaias de dragões como os mágicos do circo. E sentindo o vento da tarde a trazer-lhe o cheiro da resina da lenha na fogueira, adormeceu a sonhar com passarinhos fritos, escorrendo sobre o pão.